

# O trabalho que se faz: a atividade diretorial nos *Annales d'Histoire Économique et Sociale* (1929-1938)\*

Managerial activity in the *Annales d'Histoire Économique et Sociale* (1929-1938)

---

**Mariana Ladeira Osés**

mariana.l.oses@gmail.com

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História Social

Universidade de São Paulo

Rua Duílio, 79 - Água Branca

05043-020 - São Paulo - São Paulo

Brasil

---

## Resumo

Este artigo toma por objeto os expedientes de trabalho adotados por Marc Bloch e Lucien Febvre na administração da Revista dos *Annales* entre 1929 e 1938. Interpretadas a partir das cartas trocadas entre ambos, as formas de trabalho diretorial são mobilizadas como possíveis meios de apreensão de constrictões às quais a revista e seus diretores estavam submetidos, bem como das tomadas de posição de Bloch e Febvre diante dessas constrictões. Objetiva-se, dessa forma, demonstrar o potencial das fontes e dos problemas abordados para trazer à luz dimensões menos visíveis, mas não secundárias, do funcionamento da revista em seus primeiros anos e das condições objetivas inscritas nesse funcionamento. Avança-se, nessa chave, a hipótese de que a instabilidade à qual os *Annales* estão submetidos no período é um elemento central para a compreensão de escolhas editoriais tomadas pelos diretores, que imprimem à revista um tipo de coesão particular, possivelmente relacionada à posterior elevação do periódico à condição de “mito disciplinar”.

60

## Palavras-chave

Annales; Cartas; Historiografia Francesa.

## Abstract

This article analyzes the devices of managerial work to which Marc Bloch and Lucien Febvre resorted for the administration of the *Revue des Annales* between 1929 and 1938. Identified through the letters exchanged between them, such devices are interpreted as potential ways of apprehending the constrictions that weighed on the journal and its directors and of perceiving how Bloch and Febvre handled such constrictions. The aim is to demonstrate the potential of these sources and problems, which can shed light on the less visible — although not less important — journal's working mechanisms in its first years and objective constrictions embedded in these mechanisms. In that sense, the instability that marked the *Annales* during this period becomes a key element to the understanding of some crucial directorial decisions that conveyed a particular type of cohesion to the journal, which could be related to how the 'myth' of the *Annales* was built.

## Keywords

Annales; Letters; French Historiography.

---

Recebido em: 21/10/2016

Aprovado em: 31/8/2017

---

\* Este artigo é baseado em resultados parciais de uma pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Agradeço os comentários generosos e precisos de Felipe Brandi e os apontamentos do grupo de seminário de pesquisa no qual este texto foi discutido, bem como as revisões e indicações cruciais de Rafael Benthien e Miguel Palmeira (coorientador e orientador, respectivamente, da pesquisa em curso). Quaisquer equívocos são, evidentemente, de minha responsabilidade.

O lugar ocupado pela “escola dos *Annales*” na história da historiografia transformou-se, ao longo do século XX, em conhecimento tácito no mundo social dos historiadores. A simples referência à palavra *Annales* basta, via de regra, para invocar a imagem, mais ou menos difusa de acordo com o interlocutor, de um empreendimento de grande magnitude nascido em 1929 e que se agigantaria para ocupar lugar incontornável na disciplina. Essa noção socialmente compartilhada, que críticos e apologetas da “escola” revestem de sentidos diversos, deve-se, evidentemente, ao êxito notável atingido pelos *annalistes*, sobretudo entre os anos 1950 e 1970, em termos de poder disciplinar.<sup>1</sup> Em outras palavras, a relação estabelecida entre os *Annales* e o espaço social dos historiadores é moldada pela posição à qual a revista e seus colaboradores foram alçados décadas após a fundação do periódico. Por consequência, os primeiros anos do empreendimento são usualmente interpelados sob a lente desse êxito posterior, sendo o sucesso alçado à condição de destino manifesto da revista desde 1929.<sup>2</sup>

Nesse processo, ignora-se que o êxito dos *Annales*, nos moldes assumidos na segunda metade do século XX, não era evidente e tampouco necessário. A análise da correspondência trocada entre os dois diretores na primeira década de vida da revista aponta, pelo contrário, que o fracasso foi, ao longo da “primeira geração”, não apenas uma possibilidade real, mas um medo constante que impactou de forma definitiva as dinâmicas e formas do trabalho diretorial. À luz de um *telos* retrospectivamente projetado, esse trabalho é acomodado em uma narrativa orientada para o êxito e, dessa forma, deslocado de suas condições originais de produção, significa dizer, das possibilidades objetivas às quais estava submetido nas décadas de 1930 e 1940.

Este artigo propõe-se a retomar esse trabalho cotidiano empreendido por Marc Bloch e Lucien Febvre entre 1929 e 1938, ou seja, na revista sob sua primeira roupagem e sob seu primeiro título, *Annales d'Histoire Économique et Sociale*. Trazendo à luz o modo como ambos trabalham no período, sua intenção é acessar três aspectos cruciais do funcionamento do periódico: as possibilidades de ação, tanto simbólicas quanto materiais, abertas aos diretores; o tipo de manejo que fazem dessas possibilidades e os impactos desse processo sobre o resultado publicado da revista. Ainda que não se busque aqui restituir as condições de produção dos *Annales* em sua plenitude, defendemos que algumas de suas facetas menos óbvias, posto que inscritas no trabalho dos agentes, têm sua análise viabilizada pela abordagem proposta: é o caso, por exemplo, do impacto da instabilidade material da revista sobre os expedientes de trabalho diretorial nela adotados.

<sup>1</sup> Deve-se notar que esse “poder disciplinar”, apesar de não prescindir do prestígio intelectual angariado pelos *Annales*, relaciona-se também a outros elementos, notadamente a institucionalização do grupo, sua penetração nos meios de comunicação franceses e seu impacto sobre historiografias estrangeiras (entre as quais se encontra a historiografia brasileira). Esse aspecto é amplamente explorado pela historiografia crítica aos *Annales*, notadamente em Bourdê e Martin (1997).

<sup>2</sup> A bibliografia clássica sobre os *Annales*, na qual manifestações distintas dessas noções cristalizadas podem ser identificadas, é excessivamente extensa para que se empreenda aqui uma revisão satisfatória. De todo modo, estudos de grande impacto e de referência obrigatória sobre os anos iniciais da revista são os de Burke (1997), Burguière (1979), Carbonell (1983), Dosse (1987) e Revel (1979).

A correspondência trocada entre Bloch e Febvre durante o recorte selecionado, organizada e comentada por Bertrand Müller (1994b; 2004),<sup>3</sup> é o material sobre o qual se apoia a análise aqui empreendida. Esse material apresenta-se como ponto de observação privilegiado para os problemas propostos por permitir a análise de um aspecto chave da administração do periódico no período estudado: o cerrado controle que os diretores exercem não apenas sobre a estrutura da revista e os textos de sua autoria, mas também sobre os textos de seus colaboradores, submetidos a um processo sistemático de reescrita, adequação e correção. As colaborações recebidas, como nota o próprio Müller na introdução ao primeiro tomo de cartas, passam pelo crivo dos diretores, que não apenas opinam diretamente sobre a forma e o conteúdo dos textos como empreendem neles alterações significativas. Compreender quais adequações são essas e a que tipo de mudança os textos são submetidos permite vislumbres não apenas do “projeto intelectual” em jogo, mas principalmente das restrições às quais os diretores e a revista estavam simbólica e materialmente submetidos, bem como do manejo dessas restrições e de seus efeitos sobre o produto final do periódico.

Com vistas a esses objetivos, os resultados obtidos a partir da análise das cartas encontram-se, aqui, classificados em três modos de intervenção diretorial sobre as contribuições dos colaboradores: a dosagem da combatividade, o controle sobre a estrutura da revista e sobre o conteúdo dos textos publicados. Dentro dessas três categorias, descreveremos uma série de expedientes de trabalho diretorial que cumprem papel central na administração da revista, percebidos pelos diretores como fundamentais à sua sobrevivência e, portanto, férteis para a análise dos problemas aqui propostos.

62

### O combate revisitado

A associação entre o trabalho diretorial de Marc Bloch e Lucien Febvre e a combatividade da revista dos *Annales* é um tópico recorrente na historiografia, sendo a noção de “história combate”, que nomeia a suposta orientação do programa dos *Annales* no sentido de um afrontamento aberto a concepções históricas “oitocentistas”, constantemente evocada como um dos traços distintivos do empreendimento. As referências a esse *topos* são numerosas: em seu artigo publicado no cinquentenário do periódico, André Burguière afirma que “o tom polêmico das numerosas resenhas assinadas pelos diretores” era, desde os anos iniciais, o elemento que diferenciava e afastava os *Annales* das

<sup>3</sup> Diante do recorte temporal selecionado, os três tomos da correspondência organizada por Müller foram o foco da análise aqui empreendida, resultando em um corpo documental composto por 420 cartas (1928-1938) entre as 530 (1928-1944) compiladas, editadas e datadas pelo autor. O conjunto de fontes primárias adotado inspira, portanto, alguns comentários: tratando-se de material reunido por Müller a partir de acervos diversos e por vezes desconectados, há lacunas na documentação, resultantes de cartas perdidas, extraviadas ou não encontradas. A própria natureza das trocas epistolares contribui, ainda, para o caráter lacunar do corpo documental: há períodos de maior intensidade de troca de cartas (geralmente os de distanciamento geográfico entre os dois diretores) intercalados a períodos de menor intensidade; em contrapartida, há assuntos e casos tratados pessoalmente e, portanto, apenas parcialmente registrados na correspondência. A consciência sobre essas características do material foi determinante para a seleção dos casos que fundamentam este artigo: foram priorizados casos que puderam ser acompanhados do início ao desfecho por meio das cartas, de modo a manter sob controle e, na medida do possível, minimizar o efeito dos pontos cegos impostos pelas lacunas documentais.

revistas contemporâneas. (BURGUIÈRE 1979, p. 1350). Massimo Mastrogregori, de forma semelhante, afirma que “desde o início de suas carreiras, Febvre e Bloch conduziram um áspero *combat* para impor um certo modo de escrever a história” (MASTROGREGORI 1983; 2010, p. 430), fazendo referência aos trabalhos de André Burguière, Jacques Revel e John Craig para sustentar a noção de que esse *combat* cumpriria na revista uma função estratégica. Essa noção de combate cristalizada, no entanto, parece-nos exigir qualificação: ainda que o processo de legitimação do “movimento” certamente não prescindia dos embates intelectuais, a imagem dos *Annales* como uma “revista de combate” tende a tratar como excepcional a dimensão conflitiva que é, de fato, intrínseca ao processo de circulação de ideias. Furta-se, assim, a compreender os canais, os momentos e os tons que atribuem contornos específicos à combatividade empreendida por Bloch e Febvre, ignorando o fato de que o combate travado pelos *Annales* possui limites e formas específicas, modulados por uma busca constante do que se pode e não pode dizer, quem e o quê se pode criticar.

Ilustraremos as potencialidades dessa visada por meio de dois dos casos identificados na correspondência analisada,<sup>4</sup> os quais registram um trabalho delicado de mensuração do combate que *pode* ser travado, originando uma forma discreta e circunstancial de combatividade, estabelecida dentro de limites que são objeto de disputa constante entre os agentes envolvidos: diretores, editores, resenhistas e resenhados. O primeiro caso selecionado refere-se à polêmica em torno de um texto escrito por Pierre Duclaux, que tem seu primeiro registro em carta de 5 de março de 1933 e estende-se até o dia 25 do mesmo mês (MÜLLER 1994b, p. 331-341). O autor escrevera para os *Annales* um artigo associando a crise agrícola francesa à formação camponesa e ao ensino no campo, premissa considerada temerária pela editora do periódico, que previu uma oposição forte dos professores primários e consequentes danos comerciais. Os diretores, no entanto, creem que, além de não contar com ter que fazer mudanças no artigo já aceito, Duclaux não aceitaria reduzir o texto às suas observações econômicas, como a editora propunha.

Temendo que o impasse resultasse na perda da contribuição, já que, como demonstraremos à frente, a revista lutava contra uma escassez crônica de textos, os diretores optaram pela alteração das formulações mais polêmicas, feita por eles mesmos, e pela submissão dessas alterações para aprovação do autor, quando prontas. A frase “Os programas não são satisfatoriamente concebidos”, por exemplo, passa pela forma “De modo geral, a curiosidade não é satisfatoriamente despertada” e chega, na forma final da publicação, a “De modo geral, os alimentos que a escola fornece aos pequenos camponeses não excita suficientemente sua curiosidade” (MÜLLER 1994b, p. 331).<sup>5</sup> O foco

<sup>4</sup> Dada a economia argumentativa deste texto, a análise recairá sobre os contornos gerais desses conflitos, sobretudo seus aspectos de forma, e não sobre a depuração dos conteúdos sociais e intelectuais dos casos citados. Esse trabalho de aprofundamento, conscientemente não reproduzido aqui, integrará um capítulo específico da dissertação de mestrado resultante da pesquisa que origina este artigo.

<sup>5</sup> As frases originais, na ordem das alterações: “Les programmes ne sont pas suffisamment conçus”, “D’une façon générale, la curiosité n’est pas suffisamment éveillée” e “D’une façon générale, les aliments que l’école fournit aux petits paysans n’excitent pas suffisamment leur curiosité”. Todas as traduções listadas ao longo deste artigo são de nossa autoria.

da crítica na concepção dos programas escolares é neutralizado, tornando-a menos aberta e mediada por uma construção mais conciliadora. Desenha-se, assim, uma disputa entre editores e diretores para a definição da fronteira entre “discussão” e “polêmica”,<sup>6</sup> um confronto que não é frontal, mas mediado por negociações, recuos táticos, busca de territórios comuns. É o mesmo tipo de combate discreto que se observa no segundo caso selecionado, que envolve diretamente um texto redigido por Lucien Febvre.

Esse caso refere-se a uma resenha mencionada pela primeira vez em setembro de 1933, mas a polêmica a ela associada desenrola-se a partir de abril de 1934 (MÜLLER 2004a, p. 76). O texto em questão, uma crítica a *La chambre des comptes de Paris au XVe siècle*, de Henri Jassemin, é mal recebido pelo autor, que encaminha uma carta de resposta à revista, acusando-a de atacar a *École des Chartes*, da qual ele fazia parte. A publicação da carta nos *Annales* é obrigatória, e os diretores optam por fazê-lo com um *chapeau*.<sup>7</sup> A redação do texto fica, inicialmente, por conta de Febvre, mas uma sequência de cartas arroladas nos anexos do segundo tomo da correspondência revela um processo cuidadoso de reescrita da nota, efetuado por Bloch e pelos editores, que consideraram a fórmula inicial de Febvre muito agressiva.

Da forma original – uma repreensão severa ao fato de Jassemin tentar transformar a crítica ao seu livro em crítica a todos os *chartistes*, esquivando-se das objeções de método colocadas por Febvre – o texto passa, nas mãos de Jolis,<sup>8</sup> a uma forma mais branda, que convida os leitores a decidirem sobre a pertinência ou não da crítica de Febvre, reforçando a presença de *chartistes* entre os amigos e colaboradores da revista e, dessa forma, expondo a resenha como uma crítica pontual ao autor, e não um ataque à *École des Chartes* (MÜLLER 2004a, p. 499-501). Expressa-se, novamente, um tipo de combate que não se trava em batalha aberta e irrestrita, estando fechadas certas vias do circuito de injúrias. O que se infere da polêmica é que o ataque frontal à *École des Chartes* não era um dos movimentos possíveis, limitação que o exemplo anterior demonstra estender-se a outros agentes e coletividades (a categoria dos professores primários). Em cada caso, como demonstrado, as soluções adotadas diferem: neste, a crítica só é mantida mediante redirecionamento para um alvo individual, o que parece servir a mantê-la em território seguro.

A imagem que se desenha nos dois casos citados ecoa, de forma mais discreta, ao longo de toda a documentação, sendo numerosas mesmo as situações nas quais os diretores suprimem a crítica, não se lançando a qualquer tipo de combate. Em carta do dia 19 de maio de 1934, na qual Bloch comenta um livro de Henri Hauser, membro do comitê de redação ao qual os *Annales* dedicam algumas de suas resenhas mais elogiosas, diz-se: “Eu fiquei incomodado, e

<sup>6</sup> A inclusão do autor (no caso, Duclaux) apenas na aprovação do texto final e não no processo de reescrita, apesar de não ser excepcional dos *Annales*, era, via de regra, reservada a resenhistas de menor expressão. Pierre Duclaux era um engenheiro agrônomo filho de Émile Duclaux e irmão de Jacques Duclaux, ambos professores universitários e cientistas naturais de grande expressão, e, portanto, de um dos muitos autores de contribuições eventuais recrutados por Bloch e Febvre desde fora das fileiras dos historiadores profissionais.

<sup>7</sup> Nota introdutória ao texto, de teor explicativo.

<sup>8</sup> Editor que assume a Armand Colin após a morte de Max Leclerc, em 1931.



achei, para ser sincero, o volume bastante insignificante, mas eu não podia dizê-lo” (MÜLLER 2004a, p. 96-97).<sup>9</sup> Febvre, que havia resenhado o mesmo livro, *La prépondérance Espagnole*, para a *Revue Historique*, responde demonstrando solidariedade ao amigo: “Eu acalmo sua consciência: tive [em minha resenha] que adotar o tom épico da *Revue Historique* (onde eu não poderia ter feito de outra forma)” (MÜLLER 2004a, p. 97).<sup>10</sup>

Em novembro do mesmo ano, Bloch critica o excesso de diplomacia de uma resenha que Febvre escrevera sobre A. Grenier: “Você tem, creio eu, uma opinião negativa desse livro; você é obrigado a falar bem dele (estou em pleno acordo com você neste ponto). E então você carregou muito nas cores – um pouco demais, na minha opinião” (MÜLLER 2004a, p. 97).<sup>11</sup> Cabe notar que Grenier era, nesse momento, concorrente direto de Bloch às eleições do *Collège de France*. Também era, no entanto, colaborador da revista, o que aclara o delicado jogo exposto aqui, em que se busca a intensidade certa da crítica. Febvre acaba concordando com as observações do amigo e co-diretor, observando: “Eu me investi demais, realmente demais, no desejo político de nos garantir um proceder elegante” (MÜLLER 2004a, p. 174).<sup>12</sup> O texto final, no entanto, não conta com críticas particularmente duras, tendo Febvre mantido a ênfase nos méritos da obra.

Chamamos atenção para o fato de que em diversos dos casos elencados a atenuação da crítica é reservada a colaboradores importantes da revista, como Hauser, Grenier e Espinas. O sucedido com Espinas é particularmente interessante: ao longo da correspondência, Bloch e Febvre criticam duramente os escritos do autor, tornando-o, em certa altura, um parâmetro de texto de baixa qualidade. É comum o uso, por exemplo, da expressão “prolixidade espinasiana”, ou de observações como “O resultado é pior que o pior Espinas em estado nativo” (MÜLLER 1994b, p. 455).<sup>13</sup> Em todo o material analisado, nenhuma menção elogiosa é feita ao autor, que é, também, membro do comitê de redação. As resenhas dedicadas a ele nos *Annales* são, no entanto, exclusivamente elogiosas.

Todas essas situações ilustram recuos táticos: a combatividade é, em certas situações, inteiramente suprimida ou modulada para encaixar-se nos limites considerados pertinentes a cada situação, a cada caso específico de correlação de forças, como já sugerimos acima. Os casos de supressão são especialmente interessantes, na medida em que sugerem a interdição de determinadas vias do circuito de injúria: críticas a colaboradores importantes e membros do comitê editorial, apesar de serem feitas na correspondência pessoal entre Bloch

<sup>9</sup> No original: “J’ai été gêné, je trouve, pour tout dire, le volume assez insignifiant: mais je ne pouvais pas le dire”.

<sup>10</sup> No original: “J’apaise vos scrupules, j’ai dû emboucher la trompette épique de la *Revue Historique* (où je ne pouvais du reste pas faire autrement)”.

<sup>11</sup> No original: “Vous pensiez, crois-je, du mal de ce bouquin; vous êtes obligé d’en dire du bien (tout à fait d’accord avec vous sur ce point). Alors vous y êtes allé largement de votre pot de couleur “un peu trop largement à mon sens”.

<sup>12</sup> No original: “J’en avais trop mis, beaucoup trop mis, dans le désir politique de nous assurer l’avantage d’un procédé élégant”.

<sup>13</sup> No original: “Le résultat est pire que le pire Espinas à l’état natif”.

e Febvre, não se tornam públicas. Um segundo aspecto dessas interdições é igualmente interessante: mesmo à injúria a figuras reconhecidas pela historiografia como “inimigos exemplares” dos *Annales* são impostas condições específicas. Destacamos, por exemplo, o diálogo que se inicia em carta de 12 de setembro de 1933, na qual Febvre menciona uma resenha que escrevera sobre *Histoire sincère de la Nation française. Essai d’une histoire de l’évolution du peuple français*, de Charles Seignobos:

Já que me foi dada a chance de dizer abertamente minha opinião sobre o homem e seus métodos, não posso me resignar a deixá-la escapar. Incomoda-me dar [o texto] à *Revue de Synthèse*. Mas, nos *Annales*, ele não é nem um pouco *Annales* (MÜLLER, 1994b, p. 406).<sup>14</sup>

Tratava-se, com efeito, de “Entre l’histoire à thèse et l’histoire manuel: deux éssquisses recentes d’histoire de France: M. Benda, M. Seignobos”, publicada na *Revue de Synthèse* em 1933 e republicada por Febvre nos *Combates pela História* com um título mais agressivo do que o original, como nota Gérard Noiriel (1996). Noiriel empreende um trabalho sofisticado ao identificar nos *Combates* o que ele denomina “tradição escritural”: na década de 1950, Febvre teria empreendido uma reescrita da própria trajetória intelectual, organizando uma coletânea de artigos que os retirava da ordem cronológica e intensificava a agressividade de seus títulos. Apagava, dessa forma, as marcas processuais da própria produção, alinhando-a ao mito do “combatente pela história” ao qual buscava se associar. Escapa a Noiriel, no entanto, o fato de que Febvre não se permite, em 1933, criticar Seignobos nos *Annales*: não considerava que o texto fosse, naquele momento, apropriado para publicação na revista ou, em outras palavras, adequado a seu “espírito”. Note-se que a crítica não é, nesse caso, suprimida, mas transferida para a *Revue de Synthèse*: de fato, nenhum dos textos que compõem a parte mais áspera dos *Combates* (“Les pour et les contre”)<sup>15</sup> foram originalmente publicados nos *Annales* do entreguerras. Trata-se, no entanto, do conjunto dos textos que ele elegeria posteriormente como símbolos maiores de um projeto de vida organizado em torno do combate.

A constatação das condições específicas nas quais se desenrola o combate empreendido por Bloch e Febvre permite, portanto, requalificar o argumento de Noiriel. Se é possível que, na década de 1950, Febvre revise os próprios textos, organizando-os de forma a fazer crer que sua vida e seu trabalho foram ordenados em torno do fomento à “história combate”, isso não é uma operação feita no vazio. Há, de fato, condições específicas nas quais o combate é admitido, e o que se parece fazer nos anos 1950 é, apagando a existência dessas condições, elevar a combatividade à condição programática, e não inventar um combate inexistente. Convertem-se, assim, a acomodação e o compromisso em afrontamento direto e irrestrito, apagando-se, nesse processo, o minucioso

<sup>14</sup> No original: “Et pour une fois que l’occasion m’est donnée de dire carrément ma pensée sur l’homme et ses méthodes, je ne peux me résigner à le laisser échapper. Ça m’ennuie de le donner à la *Revue de Synthèse*. Mais aux *Annales*, ce n’est guère *Annales*”.

<sup>15</sup> A favor e contra.

trabalho diretorial empreendido, na primeira década da revista, no sentido de tatear sobre quem se podia falar, como se podia falar e o quê se podia falar, sugeridos pela análise documental aqui desenvolvida. O que está em jogo é um processo constante de identificar os momentos de falar e os momentos de calar: nos *Combates*, Febvre escamoteia seus silêncios, transformando, no processo, suas intervenções em declarações de guerra.

### O trabalho diretorial sobre a estrutura da revista

Em que pese a centralidade da seção crítica dos *Annales*, alvo de um esforço notável de controle por parte dos diretores, pôde-se demonstrar que não há elementos que permitam associar a redação e revisão de textos críticos a um projeto intelectual e de vida centrado no combate, como Febvre faz em 1953. Há, no entanto, conflitos e lutas de fato em operação, e as condições específicas nas quais eles se desdobram são indícios importantes das possibilidades de ação abertas a Bloch e Febvre e do modo como ambos circulam por elas. Outra via de acesso a esse espaço de possibilidades e ações é o trabalho sobre a estrutura da revista, focado sobre a atribuição de coerência e estabilidade morfológica. Essas operações concretizam-se em dois métodos principais: a fabricação de rubricas críticas e o remanejamento classificatório de textos. Analisá-los—demanda um entendimento geral da morfologia da revista, ao qual dedicaremos uma breve digressão.

No período analisado, os *Annales* dividem-se em dois grandes blocos de textos: os artigos e os textos críticos, sendo os primeiros impressos em caracteres grandes (*grand texte*) e os demais em letras pequenas (*petit texte*). Os artigos encabeçam a revista e, tratando-se de poucos textos (em média três por edição), não são organizados em rubricas específicas. É na seção crítica, portanto, que a instabilidade morfológica se manifesta: até 1932, essa porção do periódico é morfológicamente inconstante, com rubricas e sub-rubricas sendo criadas, desaparecendo ou absorvendo umas às outras. No quarto ano do periódico, a seção crítica estabiliza-se em três rubricas: *Problèmes d'ensemble*, *Questions de fait et de méthode* e *Courriers Critiques*,<sup>16</sup> sendo que esta última conta ainda com uma série de subdivisões internas que nunca chegam a alcançar estabilidade. Em cada número, as curtas resenhas que compõem os *courriers* são organizadas de maneira diferente, dependendo da natureza dos textos recebidos: as poucas seções relativamente recorrentes, como “economia alemã”, convivem com temas flutuantes que mudam a cada nova edição.

Como nota Bertrand Müller na análise do material epistolar que organizou (1995), os primeiros anos dos *Annales* são marcados por incertezas e uma instabilidade profunda: desde a qualidade dos textos até a dificuldade de conquistar assinantes, uma série de elementos faz os diretores temerem pela sobrevivência da revista. Entre as condições dessa instabilidade, uma das mais gritantes é a falta de colaboradores: nas sequências de cartas escritas em períodos de fechamento de números, Bloch e Febvre mencionam com frequência

<sup>16</sup> Problemas gerais (ou Problemas de conjunto), Questões de fazer e de método, Notícias críticas.



a escassez de textos para publicação, situação referida por ambos como *eaux basses*.<sup>17</sup> Em um contexto como esse,<sup>18</sup> as resenhas que compõem os *courriers* são organizadas em subdivisões depois de recebidas, em um trabalho diretorial que busca imprimir coerência à publicação de conjuntos de textos heterogêneos.

Tome-se como exemplo a carta de Febvre a Bloch escrita em fevereiro de 1929, na qual se pondera: “Poderíamos fazer uma rubrica de ‘Técnica’, talvez juntando A Seda e A Imprensa, mas é pouca coisa. Poderíamos talvez guardar o Tramond + Chevalier café para uma rubrica ‘Antilhas’ e ‘América Central’ no próximo número?” (MÜLLER 2004a, p. 130).<sup>19</sup> Outra forma de registro do mesmo tipo de trabalho é encontrado em carta de 6 de outubro de 1929, na qual Febvre reporta a organização de um conjunto de resenhas enviadas por Maurice Baumont, acerca do qual diz ter tido “muita dificuldade em organizá-las e em compor uma ‘Economia alemã’ com subdivisões racionalmente constituídas” (MÜLLER 2004a, p. 215).<sup>20</sup>

Como aponta Müller (1994a), o espaço tipográfico específico no qual as resenhas estão inseridas é central no universo em que Bloch e Febvre atuam, por condicionar os modos de acesso ao texto. O que está em jogo na fabricação dessas subdivisões da rubrica de resenhas é, assim, o estabelecimento de uma espécie de topografia da revista, que passa, necessariamente, por um ordenamento específico dos textos que visa a conferir aos diretores algum nível de controle sobre como eles serão lidos. Lida *a posteriori* como evidência da abrangência dos temas que interessavam os diretores, o grande número de sub-rubricas de resenhas parece-nos também marca de um trabalho que busca imprimir coerência a um material inconstante, instável, dependente de colaborações irregulares e esparsas.

O mesmo tipo de operação se revela na segunda categoria de construção de coerência estrutural aqui identificada, à qual chamamos remanejamento classificatório. Para a identificação desse tipo de operação, partimos da constatação de que os textos publicados na revista nem sempre o são em sua classificação original: é comum que textos recebidos como artigos sejam publicados como *Problèmes d'ensemble* ou *Questions de fait et de méthode*, textos recebidos como *Problèmes* tornem-se artigos e assim por diante. Esse tipo de operação de reclassificação de textos, que passa, via de regra, por alterações em sua estrutura, foi identificada na documentação a partir das referências dos diretores ao tipo de

<sup>17</sup> Águas baixas, referindo-se a uma estiagem de contribuições.

<sup>18</sup> Note-se que a instabilidade à qual a Revista dos *Annales* está submetida em seus anos iniciais está potencialmente ligada ao momento então enfrentado pelo mundo das revistas especializadas na França. Como apontado por Thomas Loué (2016), as décadas de 1920 e 30 assistem a uma desaceleração dessas revistas, que haviam tido no século XIX sua *belle époque*. Trata-se, portanto, de um período de retração, e não de expansão, do poder social dos periódicos, e da ocorrência de uma crise editorial marcante, que levaria até mesmo periódicos tradicionais como a *Revue Historique* a enfrentarem sérios problemas financeiros (MÜLLER, 2003). O interesse aparentemente contraditório de Bloch e Febvre em fundar e manter uma revista nessas condições também será foco da análise de nossa dissertação de mestrado. A respeito do universo editorial francês e das revistas especializadas de história, ver, além do texto de Loué, Charle (1990; 2004), Charle e Jeanpierre (2016) e Müller (1994a; 2003).

<sup>19</sup> No original: “On peut faire une rubrique ‘Technique’, peut-être, avec La soie +L’Imprimerie, mais c’est maigre. On peut retenir le Tramond + Chevalier café pour une rubrique Antilles et Amérique Centrale dans le prochain numéro?”.

<sup>20</sup> No original: “J’ai eu beaucoup de mal à les organiser, et à en composer une ‘Économie allemande’ avec subdivisions, rationnellement constitués”.

caracteres nos quais deveriam publicar os textos recebidos – a já mencionada divisão entre *petit texte* e *grand texte*. Quando um diretor pergunta ao outro “*petit texte ou grand texte?*”,<sup>21</sup> a questão é decidir se o original será, portanto, publicado na seção de artigos ou na seção crítica, decisão usualmente norteadas por questões muito pragmáticas. Os interesses nesse tipo de operação, bem como as discordâncias iniciais entre os diretores em relação a ele, são exemplarmente expressos em carta de Febvre a Bloch de 23 de maio de 1933. Na esteira de um debate sobre como publicar alguns textos recebidos, o remetente comenta:

No fundo (vou escandalizá-lo!), eu não me deixaria constranger pelas categorias lógicas. Um texto “contemporâneo” é vivo, interessante, útil: que ele tenha cinco páginas ou dez, que entre em tal classificação, logicamente, mais do que em outra, eu o colocaria na frente: *artigo*. Eu teria colocado, sem constrangimento, o Piganiol nos “Problèmes d’Ensemble” e (com outro título) “A evolução rural dos Alpes” nos artigos. Tomo dois exemplos de um mesmo número, reconhecendo que apenas o primeiro é bom – mas ele é bom. Você tem, mais do que eu (e, por consequência, não resisto à tentação de dizer: sou eu que tenho razão – naturalmente!), você tem mais do que eu o senso e o cuidado das classificações. Nove entre dez vezes, está perfeito: na décima vez, uma entorse pode ser útil [...] (MÜLLER 2004a, p. 378).<sup>22</sup>

Entre as múltiplas ocorrências do remanejamento classificatório, duas, ambas do ano de 1935, documentam o tipo de pragmatismo envolvido na “entorse” defendida por Febvre. A primeira delas data de 9 de dezembro e revela que, se em 1933 Bloch ainda era avesso a esse mecanismo, dois anos mais tarde já havia naturalizado a operação. Discutindo as possibilidades de classificação de um texto de A. Bouguin, diz que poderiam publicá-lo como artigo (caracteres grandes) ou *Problème d’ensemble* (caracteres pequenos). Estima-se que, como só possuíam espaço para a publicação de textos em caracteres pequenos nos números seguintes, poderiam prorrogar a publicação de Bouguin para julho se optassem por publicá-lo como artigo, o que seria duplamente vantajoso: o texto assemelhava-se mais a um artigo do que a um *Problème*, “e a experiência nos ensina, além disso, que perto do começo do verão as águas estão sempre baixas. Eu preferiria, então, imprimi-lo como artigo, guardando-o como reserva para esse momento crítico” (MÜLLER 2004a, p. 349).<sup>23</sup> Assiste-se, portanto, à manipulação da classificação do texto para garantir uma reserva de publicação no período em que os diretores sabiam que as colaborações seriam mais escassas.

Na segunda carta, datada de 20 de dezembro do mesmo ano (MÜLLER 2004a, p. 357), quem escreve é novamente Bloch, consultando Febvre sobre

<sup>21</sup> “Caracteres grandes ou caracteres pequenos?”.

<sup>22</sup> No original: “Au fond (je vais vous scandaliser!) moi, je ne m’embarrasserais pas de catégories logiques. Un papier ‘contemporain’ est vivant, intéressant, utile: qu’il ait cinq pages ou dix, qu’il rentre sur tel cadre, logiquement, plutôt que dans tel autre, je le collerais en tête: *article* J’aurais collé sans vergogne le Piganiol aux ‘Problèmes d’Ensemble’ e (sous un autre titre) ‘L’évolution rurale des Alpes’ aux articles. Je prends deux exemples dans un même fascicule, en reconnaissant que le premier seul est bon; mais il est bon. Vous avez plus que moi (et, par conséquent, je résiste mal à la tentation de dire: c’est moi qui ai raison! ‘naturellement!’) vous avez plus que moi le sens, et le souci des classifications. Neuf fois sur dix, c’est parfait; la dixième fois, une entorse serait souvent utile [...]”

<sup>23</sup> No original: “Et l’expérience, par ailleurs, apprend que vers le début de l’été les eaux sont toujours basses. [...] Je préférerais donc imprimer comme article, en le tenant en réserve pour ce moment critique”.

a rubrica na qual publicariam um texto de I. Ferenczi. Três alternativas são aventadas: a contribuição poderia aparecer em janeiro, como *Problème*, no mesmo mês como artigo ou em março, também como artigo. Há diversas implicações em cada uma das possibilidades, incluindo a necessidade de adiamento de outros textos e a perturbação do equilíbrio temático e da proporcionalidade das rubricas já conquistados para outros números. Bloch demonstra, analisando esse quadro, preferência pela primeira alternativa, visto que, segundo suas estimativas, ainda faltavam *Problèmes d'ensemble* para que se atingisse um número equilibrado em janeiro.

Identificamos nesses procedimentos uma lógica análoga àquela observada na produção de rubricas: trata-se de imprimir coerência e coesão à inconstância, de trabalhar sobre a instabilidade da revista de forma a lhe atribuir uma aparência de estabilidade. E a instabilidade figura, aqui, como obstáculo, mas também como ferramenta: por meio da maleabilidade de classificação dos textos, possibilitada em parte pela instabilidade das rubricas, Bloch e Febvre são capazes, em muitos momentos, de garantir a sobrevivência material da revista, tornando publicáveis números que, se não tivessem sido remanejados internamente pelas operações aqui descritas, teriam tido sua publicação inviabilizada. A fabricação de sub-rubricas críticas e o remanejamento classificatório dos textos representam essa articulação específica entre instabilidade e coerência no plano da estrutura da revista. Há, no entanto, um terceiro tipo de trabalho diretorial verificado, caracterizado pela reescrita dos textos, e que permite a identificação de outra estratégia de construção de coerência.

70

### **O trabalho diretorial sobre o conteúdo dos textos**

No processo de intervenção sobre os textos de colaboradores para adequá-los à publicação, Bloch e Febvre interferem, não raro, no próprio conteúdo das contribuições. Contrariando o que se esperaria tradicionalmente dessa interferência, no entanto, na documentação analisada não há nenhuma alusão à intensificação da combatividade de algum texto, ou ao redirecionamento de sua abordagem para atacar uma metodologia ou concepção de história específica (o que não significa, evidentemente, que essa dimensão estivesse ausente). A característica que perpassa todo o trabalho de reescrita é, pelo contrário, uma suavização dos textos no sentido de torná-los mais curtos, mais leves e menos herméticos. Abundam, por exemplo, as menções a parágrafos suprimidos, títulos simplificados e encurtados, desenvolvimentos excessivamente densos cortados e notas de rodapé incluídas para lançar luz sobre trechos, termos ou conceitos menos acessíveis ao leitor não especialista, processos que os diretores agrupam em um procedimento que denominam *alléger le texte*.<sup>24</sup>

Duas cartas, ambas de Febvre a Bloch, ilustram o interesse que se tem, em dois momentos distintos, na manutenção dos textos curtos. Em 31 de agosto de 1928, ao frisar a importância de reduzir substancialmente um artigo longo de G. Le Bras, Febvre afirma:

<sup>24</sup> Tornar o texto mais leve.

Eu digo: em uma revista como a nossa, 18 páginas em caracteres pequenos para apresentar a obra de um erudito, ou, se você quiser, de um historiador! Eu não estou depreciando Maitland. Eu digo: em uma revista como a nossa, 18 páginas de caracteres pequenos consagrados a uma notícia sobre esse historiador, por mais fecunda que tenha sido sua obra, é loucura. E é trair o espírito de nossa rubrica (MÜLLER 1994b, p. 193).<sup>25</sup>

A questão do tamanho dos textos volta a aparecer de forma explícita em carta de 23 de março de 1936. Nela, Febvre diz:

Quando nós fazemos um número pesado, composto de três ou quatro massas compactas, nós traímos nossa missão, que é a de excitar os espíritos, à direita e à esquerda, e de oferecer ao público muito variado que nos lê um menu variado e não indigesto<sup>26</sup> (MÜLLER 2004a, p. 411).

O trabalho empreendido no sentido de encurtar, aerar e tornar acessíveis os textos aparece, assim, como forma de atender a um público diversificado, que passou a ser visado pelos diretores em grande medida após pressão da editora para que se aumentasse substancialmente o número de assinantes, em 1929. A necessidade de atender ao público não especialista reaparece em diversas cartas, como a que Bloch envia a Febvre em 2 de agosto de 1934 e na qual, elencando as mudanças a serem feitas em um artigo recebido de autoria de Jacques Lemoine (entre as quais adaptações não especificadas de forma e uma condensação da expressão), cita a necessidade de “algumas palavras explicativas, destinadas aos homens de negócio queridos de Philippon, sobre Vonck e os Estatistas” (MÜLLER 2004a, p. 128).<sup>27</sup>

Note-se que, se nessa carta Bloch atribui a necessidade de clarificar o texto a uma demanda de René Philippon (assistente de edição na Armand Colin) pela atenção aos homens de negócio, as cartas de 1928 e 1936 caracterizam tais mudanças como uma adequação ao “espírito” e à “missão” da revista. Essa associação é expressiva tanto da incorporação e ressignificação das constrictões do espaço editorial pelos diretores quanto da maleabilidade com a qual ambos adotavam o conceito de “espírito”: adequar algo ao “espírito dos *Annales*” englobava uma série heterogênea de procedimentos, que ia desde a dosagem da combatividade até a supressão de parágrafos muito densos. A coerência do “espírito da revista” é, dessa maneira, enunciada pela reiteração da expressão pelos próprios diretores. Trata-se, no entanto, de uma enunciação de coerência que reveste um conteúdo caracterizado pela inconstância: o “espírito dos *Annales*” é uma expressão única que pode fazer referência a uma gama ampla de procedimentos, disposições intelectuais, formas de publicação. Nessa inconstância parece residir parte do fracasso constante da historiografia em atribuir contornos claros a esse conceito.

<sup>25</sup> No original: “Je dis: dans une revue comme la nôtre, 18 pages de petit texte pour présenter l’oeuvre d’un érudit, ou si vous voulez d’un historien! Je ne déprécie pas Maitland. Je dis: dans une revue comme la nôtre, 18 pages de petit texte consacrées à une notice sur cet historien, si féconde qui ait été son oeuvre, c’est fou. Et c’est trahir l’esprit de notre rubrique”.

<sup>26</sup> No original: “Quand nous fabriquons un numéro pesant, fait de trois ou quatre grosses masses compactes, nous trahissons notre mission qui est d’exciter des esprits, à droite et à gauche, et de prétenter aux gens très divers que nous lisent un menu varié et non point indigeste”. O grifo consta no original.

<sup>27</sup> No original: “Un mot explicatif, destiné à l’homme d’affaires chéri de Philippon, sur Vonck et les Statistes”.

O último tipo de intervenção textual identificado em nossa análise vai ao encontro dessa hipótese: trata-se da explicitação do caráter social e econômico dos artigos e resenhas publicados, promovida ora pela inclusão de *chapeaux*,<sup>28</sup> ora pelo ajuste de foco do próprio conteúdo dos textos. A carta enviada de Febvre a Bloch em 4 de outubro de 1928 é uma introdução interessante a esses procedimentos, na medida em que se discutem as alterações a serem feitas em uma resenha escrita por Henri Labouret para que ela possa ser publicada. Ali, Febvre diz que:

Sob essa forma, ele não se alinha ao programa da revista. Seria necessário pelo menos, se nós o inseríssemos, um 'chapeau', mostrando que ele é, apesar de tudo, ligado ao 'social' [...] O difícil é fazer os Labourets compreenderem sob que forma se pode atuar na nossa revista, e o que há de verdadeiramente interessante naquilo que eles nos oferecem. Nós poderíamos, talvez, começar essa educação 'corrigindo' suas elucubrações e propondo-lhes, em seguida, que avalizem essas correções? (MÜLLER 1994b, p. 97).<sup>29</sup>

O interesse dessa carta é a exposição clara que ela faz dos dois mecanismos de intervenção diretorial que mencionamos. O primeiro deles é o da inclusão de um *chapeau*, uma nota introdutória geralmente redigida pelos diretores, mas nem sempre assinada por eles, o que torna difícil identificar nos números publicados os *chapeaux* diretoriais. Orientamos nossa busca, portanto, pelos casos diretamente citados nas cartas, buscando identificar a finalidade do acréscimo dessas notas. Identificamos tratar-se, via de regra, de sublinhar o interesse econômico e social do texto, reforçando, assim, a construção de um jargão. A introdução que Febvre esboça para a resenha de Labouret, reproduzida na própria carta, é exemplar:

À primeira vista, um livro sobre tal assunto não parece se encaixar nos quadros de uma revista como esta. Mas os problemas colocados pela criação e orientação, no país das colônias e dos protetorados, de um sistema de ensino estabelecido para o uso dos indígenas pela nação europeia colonizadora, apresentam interesse demais aos olhos do historiador, e suas soluções dependem demais de consequências, algumas econômicas, outras sociais, para que nós o deixemos de lado (MÜLLER 2004a, p. 98).<sup>30</sup>

As implicações do conteúdo desses *chapeaux* ficam mais claras quando analisamos o ajuste focal ou *remise au point*,<sup>31</sup> segundo expediente de alteração direta do conteúdo dos textos que enunciamos acima. Adotamos aqui o termo

<sup>28</sup> Notas introdutórias.

<sup>29</sup> No original: "Sous cette forme, il n'est pas du programme de la revue. Il faudrait tout au moins, si on l'insérait, un 'chapeau', montrant qu'il est, tout de même, au titre du 'social' [...] Le difficile est de faire comprendre aux Labouret, sous quelle forme on peut le faire chez nous, et ce qu'il y a de vraiment intéressant dans ce qu'ils nous offrent. On peut peut-être commencer cette éducation en 'corrigeant' leurs elucubrations et en leur proposant ensuite d'avaliser ces corrections?"

<sup>30</sup> No original: "À première vue, un livre sur un tel sujet ne paraît pas entrer dans le cadre d'une revue comme celle-ci. Mais les problèmes que posent la création et l'orientation, dans le pays des colonies et des protectorats, d'un système d'enseignement établi à l'usage des indigènes par la nation européenne colonisante, présentent trop d'intérêt aux yeux de l'historien, et de leurs solutions dependent trop de conséquences, les unes économiques, les autres sociales pour que nous le laissons de côté".

<sup>31</sup> Reorientação, readequação.



utilizado pelos próprios diretores, que mobilizam com frequência a expressão "remettre un texte au point" ou suas variáveis ("un texte remis au point", por exemplo),<sup>32</sup> para nos referir ao ato de reorganizar os textos ou pedir que os autores os reorganizassem colocando ênfase nos interesses sociais e econômicos da pesquisa. Trata-se, portanto, de um expediente de finalidade parecida com a inclusão de *chapeaux*, e a ele Febvre se refere quando fala de uma "educação" a ser imposta aos colaboradores na segunda parte da carta referente à resenha de Labouret.

Em carta de 3 de setembro de 1931, por exemplo, Febvre comenta uma proposta de colaboração de Victor de Meyere, que se oferecera para contribuir com um breve artigo sobre folclore belga. Reporta que escreverá uma carta ao autor informando que o folclore em si não lhes interessa, mas que o texto pode ser aceito se for reescrito no sentido de "mostrar, por alguns exemplos típicos, em que sentido as coleções aí reunidas lançam luz, e uma luz muito particular, sobre certos fatos da história econômica e social da Antuérpia" (MÜLLER 1994b, p. 295).<sup>33</sup> Demandas da mesma natureza podem ser identificadas em carta de 21 de setembro de 1932, na qual, comentando um pedido de *remise au point* de um texto que haviam feito a Duclaux, diz ter enviado junto ao manuscrito "uma nota para precisar, conforme os seus sentimentos e os meus, que nós não pedimos uma redução fotográfica de sua memória, mas que lhe pedíamos que insistisse sobre os aspectos sociais das questões que levanta" (MÜLLER 1994b, p. 318).<sup>34</sup>

A inclusão das palavras "econômico" e "social" em todos os *chapeaux* dessa natureza que pudemos identificar nos *Annales*, bem como os pedidos de *remise au point* dos textos recebidos, com ordens expressas aos autores para que reorganizassem suas contribuições em torno de questões "de história econômica e social", demonstram o estabelecimento de um jargão para a revista. Trata-se antes de um processo de construção de coerência e de enunciação de uma "identidade" do que da definição substancial dessa identidade por meio de indicações teóricas ou metodológicas, por exemplo. Observa-se, assim, um mecanismo de mesma natureza da fabricação de rubricas e do remanejamento classificatório, voltado à procura de fios comuns para costurar textos que, oriundos de contribuições esparsas e inconstantes, nem sempre compunham conjuntos coerentes para publicação.

### Considerações finais

A correspondência trocada entre Bloch e Febvre é, em diversos aspectos, um testemunho do impacto que a instabilidade da revista em seus primeiros anos (principalmente no que concerne ao número de assinantes e colaboradores) exerceu sobre as decisões diretoriais. Não se trata de sugerir que essa

<sup>32</sup> Reorientar um texto; um texto reorientado.

<sup>33</sup> No original: "Montrer par quelques exemples typiques [...] en quoi des collections qui y sont réunies jettent de la lumière, et une lumière toute particulière, sur certains faits de l'histoire économique et sociale anversoise".

<sup>34</sup> No original: "Une note pour bien préciser, conformément à votre sentiment comme au mien, qu'on ne lui demandait pas une réduction photographique de son mémoire, mais qu'on le priaît d'insister sur l'aspect social des questions qu'il soulève".

instabilidade seja responsável pelo resultado final da revista, mas de identificar em quais pontos desse resultado ela se manifesta, reconvertida e ressignificada pelo trabalho diretorial. Sugerimos que a administração da instabilidade, aliada a outros tipos de constringências, como a interdição de certas vias do circuito de injúrias, incidiu de maneiras diversas sobre os textos e a estrutura da revista, produzindo um efeito de coesão particular.

O que a documentação epistolar analisada sugere é que o manejo dessas condições instáveis de publicação tenha gerado antes a enunciação de uma identidade, de um "espírito" da revista, do que sua definição substantiva; antes um trabalho sistemático de atribuição de coerência à instabilidade do que a formulação, de fato, de um programa teórico. Essa constatação permite uma retomada dos textos publicados nos *Annales* como fontes primárias a partir de uma gama renovada de questionamentos, não mais voltados à identificação de uma "história combate" ou de uma "teoria *annaliste*" escondida pelos diretores nas entrelinhas, mas norteados pelo entendimento do modo como o trabalho sistemático de construção de uma coesão do projeto manifesta-se na revista. Nesses termos, o êxito dos *Annales* no pós-guerra deixa de configurar um destino manifesto do periódico, passando a ser enxergado como uma das possibilidades nele inscritas graças ao manejo que seus diretores fizeram das condições objetivas às quais estavam submetidos.

#### Referências bibliográficas

74

- AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. **Uma história dos Annales (1921-2001)**. Maringá: EDUEM, 2004.
- AYMARD, Maurice. The *Annales* and French historiography. **Journal of European Economic History**, v. I, n. 2, p. 491-511, 1972.
- BLOCH, Marc; FEBVRE, Lucien. Chapeau. **Annales d'Histoire Économique et Sociale**, v. 8, p. 433, 1936.
- BLOT, Jacques. Le révisionnisme en histoire ou l'école des *Annales*. **La Nouvelle Critique**, n. 3, p. 46-60, 1951.
- BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **Les écoles historiques**. Paris: Seuil, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. Le champ scientifique. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 2, n. 2-3, p. 88-104, 1976.
- \_\_\_\_\_. **Razões práticas**. Campinas: Papirus, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Science de la science et réflexivité**. Paris: Raisons d'Agir, 2001.
- BURGUIÈRE, André. Histoire d'une Histoire : la naissance des Annales. **Annales, Économies, Sociétés, Civilisations**, v. 34, n. 6, p. 1347-1359, 1979.
- \_\_\_\_\_. Marc Bloch, Lucien Febvre et l'aventure des Annales, **L'Histoire**, n. 119, p. 66-68, 1989.
- \_\_\_\_\_. **The Annales School: An Intellectual History**. Ithaca: Cornell University Press, 2009.

- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.
- \_\_\_\_\_. Reflections on the historical revolution in France: the Annales school and british social history. **Review**, v. I, n. 3-4, p. 147-164, 1978.
- CARBONELL, C.; LIVET, G. **Au berceau des Annales**. Toulouse: Presses de l'Institut d'Études Politiques de Toulouse, 1983.
- CHARLE, Christophe. **Le siècle de la presse**. Paris: Seuil, 2004
- \_\_\_\_\_. **Naissance des "intellectuels"**. 1880-1900. Paris: Minit, 1990
- \_\_\_\_\_; JEANPIERRE Laurent (Org.). **La vie intellectuelle en France**. Paris: Seuil, 2016. 2 v.
- CHARTIER, Roger; LE GOFF, Jacques; REVEL, Jacques (Ed.). **La nouvelle histoire**. Paris: Complexe, 1978.
- CLARK, Stuart (Org.). **The Annales School: Critical Assessments in History**. Londres: Routledge, 1999.
- COTEAU-BÉGARIE, Hervé. **Le phénomène Nouvelle Histoire: stratégie et idéologie des nouveaux historiens**. Paris: Economica, 1983.
- DOSSE, François. **L'histoire en miettes: des 'Annales' à la 'Nouvelle Histoire'**. Paris: La Découverte, 1987.
- DUMOULIN, Olivier. **Profession historien, 1919-1939: un métier en crise?** Thèse (Histoire) - Multigraphiée EHESS, Paris, 1983.
- FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Presença, 1985
- KEYLOR, William R. **Academy and Community: The Foundation of the French Historical Profession**. Cambridge: Harvard University Press, 1975.
- LOUÉ, Thomas. Les revues dans la vie intellectuelle. In: CHARLE Christophe; JEANPIERRE Laurent (Org.). **La vie intellectuelle en France**. Paris: Seuil, 2016. v. 1.
- MÜLLER, Bertrand. Critique bibliographique et construction disciplinaire: l'invention d'un savoir-faire. **Genèses**, n. 14, p. 105-123, 1994a.
- \_\_\_\_\_. **Lucien Febvre, lecteur et critique**. Paris: Albin Michel, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Marc Bloch, Lucien Febvre et les Annales d'histoire économique et sociale: correspondance**. Paris: Fayard, 1994b. v. 1.
- \_\_\_\_\_. **Marc Bloch, Lucien Febvre et les Annales d'histoire économique et sociale: correspondance**. Paris: Fayard, 2004a. v. 2.
- \_\_\_\_\_. **Marc Bloch, Lucien Febvre et les Annales d'histoire économique et sociale: correspondance**. Paris: Fayard, 2004b. v. 3.
- \_\_\_\_\_. "Une espèce de petite révolution intellectuelle": la correspondance Bloch-Febvre. **Espaces Temps**, v. 59, n. 1, p. 123-129, 1995.
- NOIRIEL, Gérard. **Sur la "crise" de l'histoire**. Paris: Belin, 1996.

NOVAIS, Fernando; SILVA, Rogério Forastieri da (Org.). **Nova História em Perspectiva**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

REVEL, J. Histoire et sciences sociales: les paradigmes des *Annales*. **Annales, Économies, Sociétés, Civilisations**, v. 34, n. 6, p. 1360-1376, 1979.

RINGER, Fritz. **Fields of Knowledge**: french academic culture in a comparative perspective, 1890-1920. Cambridge: University of Cambridge Press, 1992.